

# QUASE DA FAMÍLIA: CORPOS E CAMPOS MARCADOS PELO RACISMO E PELO MACHISMO

## OUTSIDER WITHIN: BODIES AND KNOWLEDGE MARKED BY RACISM AND SEXISM

Luciana de Oliveira Dias 1

**Resumo:** Este texto é resultado de reflexões sobre saberes que são (re)produzidos em campos do conhecimento ainda marcados pelo racismo e pelo machismo, além de outros processos de discriminação. O campo destacado é o da Antropologia, onde uma primeira versão deste manuscrito foi lida por sua autora em uma Mesa Redonda intitulada “Corpos e Campos Racializados: o fazer antropológico a partir da perspectiva negra”. O feminismo negro é entendido como um locus de onde ecoam vozes, de mulheres negras, que denunciam preconceitos e discriminações e exigem reparação com envolvimento de sujeitos e instituições. O entendimento é o de que as pensadoras e intelectuais negras inseridas em campos do conhecimento tem sido compreendidas como estrangeiras de dentro. Esta apreensão é percebida e refletida por elas que passam a associar-se entre si, ainda que pela identificação das semelhantes dores, a construir identidades como instrumentos de luta e a manejar mundos, revelando o pensamento feminista negro.

**Palavras-chave:** Produção de Conhecimentos. Racismo. Machismo.

**Abstract:** This text is the result of reflections on knowledge that are produced in knowledge sectors that are marked by racism and sexism, and other processes of discrimination. The highlighted sector is that of Anthropology, in which a first version of this text was read by its author in a group called: “Corpos e Campos Racializados: o fazer antropológico a partir da perspectiva negra”. Black feminism is a locus from which voices come from black women who denounce prejudice and discrimination and demand redress. They also require the involvement of subjects and institutions. Black intellectuals inserted in knowledge sectors have been understood as outsider within. This apprehension is perceived by them who come to associate with each other, identifying similar pains, constructing identities as instruments of struggle and managing worlds, revealing black feminist thinking.

**Keywords:** Knowledge Production. Racism. Sexism.

## Em um só fôlego

Início esta comunicação com um pouco da minha biografia com o intuito de justificar o recorte feito para as reflexões aqui apresentadas, reflexões estas que incidem sobre um desejo, e uma demanda, de compreender e explicar corpos e campos marcados pelo racismo e pelo machismo. Irmanada com Frida Kahlo quando afirma que “pinta a si mesma porque é a matéria que melhor conhece”, digo que abro esta escrita sobre mim mesma e minha trajetória, porque sou o assunto que melhor conheço.

De maneira complementar, trago aqui parte da minha trajetória porque pretendo assumir a autoria sobre mim mesma. Sobre mim mesma - ou melhor sobre aquelas pessoas que tem a aparência como a minha - é o “eu hegemônico” que vem enunciando, há séculos, nos mais variados campos do conhecimento. Campos estes que abrigam eficazes e cruéis processos de racismo e machismo, além das outras incontáveis hierarquizações que alocam sujeitos como eu na miserável base de estruturas de poder, dominação e controle.

Guimarães Rosa (1986) ao tentar deslindar os segredos da vida em toda sua complexidade, informa que “o que a vida quer da gente é coragem”, e é Sueli Carneiro em sua tese defendida na Universidade de São Paulo - USP que adota a corajosa atitude de dirigir-se ao Eu-hegemônico informando que enuncia do

lugar do “paradigma do Outro”, consciente de que é nele que estou inscrita e que “graças” a ele em relação a mim expectativas se criaram, que mesmo tentando negá-las, elas podem se realizar posto que me encontro condicionada por uma “unidade histórica e pedagogicamente anterior” da qual eu seria uma aplicação. (CARNEIRO, 2005, p. 20).

Este texto é uma espécie de autoetnografia, e realço aqui que a etnografia abala de maneira desestabilizadora ideias e existências (PEIRANO, 2014). Assumir a autoria sobre mim mesma, sobre meu corpo em um campo de conhecimento permite problematizar um *métier* clássico e ainda não superado, embora tenham reações contrárias, desse campo que afirma um evolucionismo unilinear e determinismos que aprisionam seres humanos, como eu, em um arbitrário lamaçal de estereótipos.

São esses estereótipos que reafirmam, perpetuando, entre aspas, “os lugares de servidão e inferioridade” que alguns corpos devem obrigatoriamente ocupar. O uso de aspas aqui para “os lugares de servidão e inferioridade” é somente para lembrar o evento, já que, como reforça um conhecido antropólogo da Universidade de Brasília UnB e entusiasta das cotas raciais: “o evento não deve jamais ser esquecido”. E o evento lembrado aqui foi descrito na Moção à Associação Brasileira de Antropologia - ABA, no final do ano de 2018 com o seguinte texto: “*Durante a abertura da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia foi flagrante a ausência de pessoas negras já na mesa de abertura. O único corpo negro que transitava pelo palco era o garçom negro que servia água e café. O cenário desta mesa de abertura introduziu um profundo desconforto nas antropólogas negras e antropólogos negros que ocupavam o auditório por reafirmar os lugares (de servidão e inferioridade) que os corpos negros têm historicamente ocupado no âmbito das instituições. A eficaz naturalização da inferioridade negra tem assegurado um panorama das relações raciais no qual as pessoas brancas se beneficiam e as pessoas negras são condenadas.*”

Relembrado o evento, destaco que assumir a autoria sobre mim mesma permite olhar e ouvir e falar para outras mulheres negras percebendo os pontos de conexão, ou melhor dizendo: percebendo as encruzilhadas de nossas trajetórias, o que além de nos irmanar revela não o prazer do encontro das semelhantes, mas as semelhantes dores das semelhantes. Não há como não incluir nesta comunicação a feminista negra Vilma Piedade, que ensina que a dororidade é a dor que só as mulheres negras reconhecem. “A dororidade, pois, contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa dor é preta.” (PIEADADE, 2017, p. 16). É geradora de cumplicidade entre mulheres negras, pois existem dores que só as mulheres negras reconhecem, por isso a sororidade não alcança toda a experiência vivida.

Acerca dessa dor, há o estranho sentimento de solidão nas universidades, muitas vezes jamais experimentado pelas mulheres negras fora da universidade. Eu, por exemplo, gêmea e

pertencente a uma família numerosa, com dezenas de irmãos e irmãs, cuidadora dos mais jovens que eu, desejava com forças os raros instantes solitários para estudar, e somente começo a sentir a dor da solidão quando ingresso na universidade. Hoje, são as reflexões de bell hooks<sup>1</sup> (2015, p. 204) que me ajudam a entender que é sobretudo no campo, caracterizado pelo racismo e pelo machismo, que “uma negra solitária enfrenta toda hostilidade racista” e machista.

Eu sou antropóloga, associada à ABA há mais de uma década, feminista negra e professora da Universidade Federal de Goiás - UFG, instituição que me forma desde a graduação em Ciências Sociais e me habilitou a ir para a Universidade de Brasília - UnB fazer o mestrado, doutorado e pós-doutorado. Estou trabalhando na UFG há quase dez anos. Atuo na graduação na Educação Intercultural Indígena, na Pós-Graduação no Programa de Antropologia Social e no Programa Interdisciplinar em Direitos Humanos. Sou lotada na Faculdade de Letras, porque a graduação em Educação Intercultural está abrigada na Faculdade de Letras.

O fato de ser lotada na Faculdade de Letras é utilizado em minha instituição, com uma frequência alta, para me desterritorializar e me distanciar do campo da Antropologia. Acerca das tentativas de desterritorialização e afastamento do meu campo de conhecimento em minha instituição eu poderia escrever um livro sobre o fértil caminho da interculturalidade e da transdisciplinaridade, mesmo correndo o risco de ser aprisionada no “paradigma do outro ressentido”. Mas, como eu disse: isso daria um livro, que qualquer dia, depois de cumpridas todas as obrigatoriedades disciplinares que me são impostas, milagrosamente, em uma perspectiva Bourdieuniana, escreverei.

O que importa destacar agora é que sempre, desde meu período de graduação, sinto que estou dentro, mas não sou igual aos outros que estão dentro. Reformulando: Eu estou no campo, estou dentro da Antropologia, estou dentro da UFG e estou entre meus colegas. Colegas! Ainda não posso tomá-los como “pares” na comunidade acadêmica, como me orientou meu velho professor da UnB, antropólogo de sobrenome igual ao meu e que me ensinou o valoroso “trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever” (OLIVEIRA, 1998, p. 17).

Estou dentro, estou entre, mas não estou com... Enfim, em meu campo eu ainda sou uma “quase da família”, e me perdoem aqui o uso da ironia, meus colegas são **excelentes** profissionais e realço aqui de toda carga aristocrática da excelência; são pessoas **bondosas**, sendo que muitas me aconselham a me valorizar e a não me reduzir quando afirmo minha identidade racial, afinal eu sou negra, mas sou doutora; são pessoas muito **bem intencionadas**, muitas são até favoráveis às cotas raciais, mas como eu já estou lá, dizem: “já chegou a hora de reconhecermos a igualdade entre todos nós e os esforços que todos os seres humanos empreendem independentemente de raça, sexo ou religião”; e também são pessoas **pedagogicamente generosas**, me ensinam o tempo inteiro: a como me relacionar com meus superiores e a como me comportar em espaços formais. Outro dia até ouvi de um colega em um evento, depois de eu apresentar uma fala inspirada no potente e dulcíssimo afro-poema de Conceição Evaristo (2008): “Vozes Mulheres”: Ele disse: “Você precisa se cuidar mais. Não precisa ser tão raivosa”.

Ainda que com este meu discurso de agora eu seja relegada ao deserto das emoções e intersubjetividades, e banida do campo, preciso apresentar meu pensamento em construção com outras feministas negras, como a socióloga Patricia Hill Collins (2016). É meu “pensamento feminista negro” que tem lançado luz sobre o meu lugar no campo da Antropologia, e durante minha trajetória, parcialmente aqui descrita, tenho entendido que sou uma “estrangeira de dentro”, ou uma “intelectual marginal” (Collins, 2016), ou uma “quase da família da academia”.

Em matéria de ser “quase da família” eu tenho (ou seria nós temos?) - nós temos vastíssima e ancestral experiência. Patricia Hill Collins (2016, p. 99) quando fala da significação sociológica do pensamento feminista negro escreve um pouco sobre nossa trajetória, afirmando que as mulheres negras “por muito tempo participam dos segredos mais íntimos da sociedade branca”, o que tem tornando essas mulheres negras *insider* e até “mães negras”. Todavia, de acordo com a autopercepção dessas mulheres negras, o que se movia, ao mesmo tempo em que era desmistificado era o “poder branco” e o que se revelava era o racismo perversamente atravessado pelo machismo. Nós, mulheres negras, sempre soubemos que não somos “quase da família”, tampouco *insider*, mas

<sup>1</sup> bell hooks corresponde ao pseudônimo de Gloria Jean Watkins, que prefere que seja grafado em letras minúsculas por querer dar ênfase à essência de seus escritos e não a sua pessoa.

somos *outsider*, ou, para melhor dialogar aqui: *outsider within*.

Estejamos atentas pois estamos falando aqui de um sujeito que tem o manejo de vários mundos. São sujeitos que têm os seus corpos, corporeidades e subjetividades histórica e cruelmente atravessados por “eixos de discriminação” que se interseccionam. E, pasmem, resistem, existem e ocupam outros lugares, inclusive lugares de tomada de decisão, de poder e de produção do conhecimento. Como não se lembrar e tentar responder à pergunta feita por Sojourner Truth, em 1851, quando exigia igualdade de direitos humanos para todas as mulheres e todas as pessoas negras, durante a Conferência dos Direitos das Mulheres de Ohio. A abolicionista afro-americana pergunta: “Não sou uma mulher?” e discursa:

Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso. (DAVIS, 2016, p. 73). [E continua] Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? (DAVIS, 2016, p. 72).

De tudo isso, o que eu quero destacar é que nós mulheres negras resistimos, existimos, estamos dentro, estamos entre e, avisamos agora, sabemos que somos as estrangeiras de dentro, manejamos pensamentos, inclusive aqueles que não são nossos, mas que têm sido historicamente aplicados a nós. Dito isto, podemos perceber os contornos do pensamento feminista negro.

Para Patrícia Hill Collins (2016) o pensamento feminista negro revela os delineamentos de imaginações, ideias e pensamentos, e também de vivências, produzidas por mulheres negras, que apresentam perspectivas e referenciais, inclusive teóricos, de, para e com as mulheres negras. O *status* de *outsider within*, ou melhor, o estatuto de estrangeira de dentro das mulheres negras, ou brasileiro falando: o estatuto de “quase da família” tem provocado posturas compreensivas, analíticas e explicativas de padrões, ordenamentos societários, representações, significações e interações que não abrem mão de uma expectativa que “intersecciona” múltiplas possibilidades constituidoras do ser, tais como a raça, o gênero, a sexualidade, a classe, a idade etc.

O uso de aspas aqui para falar de interseccionalidade serve para não esquecer o que foi por nós aprendido **com** a pensadora e proponente de um feminismo transnacional, “afrolatinoamericano”, Lélia Gonzalez (1988) e com a defensora dos direitos civis norte-americana Kimberlé Crenshaw (2002), dentre tantas outras pensadoras negras, que a diferença pode ser tornada desigualdade inclusive dentro da diferença. A interseccionalidade, neste sentido, é um projeto que permite articular questões raciais, debates sobre gênero, diferenças dentro das diferenças e a urgente necessidade de proteção às discriminações, esta que pode acontecer via efetivação de direitos humanos.

Fundamental é uma aproximação da interseccionalidade como uma questão teórica e também uma questão política, sobretudo a partir de um pensamento, o feminista negro, que de acordo com o que aprendemos com Patrícia Hill Collins (2016) articula um pensamento abstrato à uma ação pragmática. Além de ser um pensamento caracteristicamente coletivo que tem colaborado para a criação de uma identidade coletiva de mulheres negras dentro das universidades e dentro de campos do conhecimento, como a Antropologia por exemplo.

Finalmente, e para dialogar mais uma vez com a filósofa e feminista negra Sueli Carneiro (2005), entendemos que o pensamento feminista negro tem o potencial de provocar erosões em campos e concepções clássicas que atrelam corpos negros ao trabalho (para os outros) e ao prazer (dos outros). Esses corpos que foram histórica e perversamente marcados pelo racismo e pelo machismo, são construtos socioculturais e políticos de onde têm emanado enunciações, escritas e escrevivências (EVARISTO, 2008) que tem provocado abalos em robustas estruturas societárias e

também epistemológicas.

Não podemos esquecer que essas estruturas são alicerçadas em um singular que é branco e masculino, mas que tem pretensões universalizantes e totalizadoras, que falam por toda a humanidade. O pensamento feminista negro brasileiro se apresenta no contexto das universidades de forma a questionar saberes instituídos e campos hegemônicos a partir de uma polifonia e de uma pluriepistemologia propostas pelas pensadoras negras.

Essas pensadoras negras estamos atentas e seguimos resistindo, existindo, estamos dentro das instituições e campos do conhecimento, estamos entre os eus-hegemônicos e estamos conscientes de que somos as estrangeiras de dentro, tratadas como quase da família. Por fim, e no mesmo tom de gratidão da empregada doméstica pelo quatinho sem janela, ao lado da área de serviço, apresentamos um agradecimento pela oportunidade de discutir os corpos e os campos que seguem marcados pelo racismo e pelo machismo e, tempestivamente, lançamos o desafio final: Vamos, de maneira radical, descolonizar o campo que segue marcado pelo racismo e pelo machismo, e por tantos outros processos discriminatórios?

## Referências

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. **Tese de doutorado**. Faculdade de Educação. USP. 2005.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v.31, n.1, p.99-127, jan/abr 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 1, n. 1, 2002.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988. p. 69-82.

HOOKS, bell. Mulheres Negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n.16, pp.193-210, jan/abr 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Ed. Unesp; Brasília: Paralelo 15. 1998.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

ROSA, J. Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Recebido em 15 de outubro de 2019.  
Aceito em 1º de novembro de 2019.